

## DUAS HISTÓRIAS ESPECULATIVAS CONTEMPORÂNEAS: BASEADAS EM FATOS REAIS!

Michelle dos Santos<sup>1</sup>  
Isabella Ferreira Viana Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa/comunicação tem por objetivo discutir duas histórias especulativas, *O homem do castelo alto* (1962), de Philip Dick e *Amphitryon* (2000), de Ignacio Padilla. Na obra do escritor norte-americano, os Aliados perdem a II Guerra e os Estados Unidos são divididos entre as duas potências vitoriosas, agora em tensão, numa espécie de reparação da Guerra Fria: Alemanha e Japão. Já no livro do autor mexicano, um grupo de sócias dos grandes expoentes nazistas é criado para proteger e beneficiar a cúpula do partido em ocasiões apropriadas, e depois desmantelado sob a acusação de traição e conluio com os judeus em 1943. Esse gênero narrativo ainda é pouco difundido e estudado no Brasil e pode aparecer sob outras denominações, ucronia, alohistória, história alternativa e contrafactual. Ele pode ser definido como um mundo imaginado no qual a trama possui um ponto de divergência da história tal como é conhecida em manuais e publicações de referência. Àqueles que se voltam a esse exercício literário debruçam-se na seguinte questão-chave: “o que aconteceria se a história tivesse transcorrido de maneira diferente?” Para tanto, mostrar-se-ão de grande relevância as discussões teórico-metodológicas de Jacques Rancière em *O mestre ignorante* e Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa*. Diante do exposto, teremos a chance de vislumbrar a II Guerra Mundial, seus antecedentes e seus desdobramentos a partir de novos ângulos, livrando-nos da tirania do fato consumado, evidenciando ao mesmo tempo que história é luta. É preciso, pois, dar vazão as possibilidades olvidadas, derrotadas e soterradas, enfim, a outras histórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** História especulativa. Segunda Guerra. Amphitryon. O homem do castelo alto. Narrativa.

É comum imaginarmos como seria o mundo se certos episódios tivessem transcorrido de maneira distinta daquilo que, “de fato”, sobreveio. Correntemente o termo “se” emerge em nossa imaginação e nos leva a refletir que, talvez, por uma fração de segundos, os fatos passados se nos apresentariam de outras maneiras, e tais possibilidades são

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (2005) e mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília (2008), com trabalhos desenvolvidos sobre o Brasil novecentista e a relação entre imprensa e história. Foi professora substituta na UnB, lecionando na área de História Social e Política Geral (séculos XIX e XX). Atualmente é professora titular de História Contemporânea, Estágio Supervisionado I e Leitura e Produção de Texto na Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão, com ênfase nos seguintes temas: história e cidade; história do trabalho no século XX; Literatura, Cinema e Holocausto; história da estética; uso dos recursos audiovisuais e da ficção no ensino de História. Atuou em catalogação de Acervos Históricos durante 3 anos. Líder do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas. Suas últimas publicações em revistas científicas giram em torno do papel da internet nas relações contemporâneas, a partir do filme *Medianeras*, de Gustavo Taretto (*Revista GEMInIS*), e da estética educativa do diretor de TV Luiz Fernando Carvalho (*Revista Eletrônica - Expedições: Teoria da História e Historiografia*). E-mail: [michelle.santos0803@gmail.com](mailto:michelle.santos0803@gmail.com).

<sup>2</sup> Aluna do curso de História da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Formosa. Bolsista da modalidade BIC/UEG, dentro da Iniciação Científica e Tecnológica desta mesma Instituição de Ensino Superior: IC&T-UEG. E-mail: [bella.bathory@hormail.com](mailto:bella.bathory@hormail.com).

quase infinitas. A *história alternativa* é um gênero narrativo que se dedica a pensar caminhos diferentes para a história. A partir do passado que nos foi legado, uma hipótese é desenvolvida de forma a virar uma tese. Dentro dessa perspectiva, será feita a análise de duas narrativas especulativas que subverteram e reelaboraram o passado: *O homem do castelo alto* (1962), de Philip K. Dick, e *Amphitryon* (2000), de Ignácio Padilla.

As histórias contrafactuais selecionadas para a pesquisa são ficções históricas que podem ser classificadas como metaficções historiográficas, consoante à definição de Hutcheon.<sup>3</sup> A metaficção historiográfica, uma forma pós-moderna de narrativa, se distingue da ficção histórica tradicional. Sua tônica dominante é autorreflexividade narrativa, que, ao problematizar as potencialidades e os limites da representação factual, promove uma reflexão sobre as similitudes e as especificidades da história e da ficção histórica. Partindo do pressuposto da inexistência de uma narrativa unívoca do passado, ou seja, da impossibilidade de que uma figuração do passado possa ascender à condição legítima de verdade estável e única, a metaficção historiográfica desestabiliza as fronteiras clássicas que separam a história e a ficção, as quais conferem à história, em detrimento da ficção, um estatuto privilegiado, como relato autorizado, que enuncia a verdade do passado. Seja pela autoconsciência demonstrada pelo narrador em relação à sua contingência cultural, política e temporal, que oferece possibilidades e impõe restrições ao seu conhecimento do passado e às condições da sua enunciação, seja pela função de enunciação ser conferida a um narrador não-confiável ou pelo questionamento da autoridade do narrador, seja pela multiplicação de vozes narrativas e a adoção de perspectivas marginais e subalternas, que constroem interpretações alternativas do passado, em contraposição ao relato oficial, a metaficção historiográfica denuncia as representações dominantes de tempo, sobretudo os determinismos históricos, e as versões hegemônicas, configurando novas possibilidades de compreensão do passado.

Philip Dick foi um escritor norte-americano que, nascendo durante os anos vinte e vivendo até a década de oitenta, pôde testemunhar dois grandes acontecimentos que marcaram a história da humanidade: a Primeira e a Segunda Guerra. A maioria de suas obras obteve grande aclamação de público e de crítica e algumas ganharam adaptações para o cinema, é este o caso de *Blade Runner* (1966) e *O Homem Duplo* (1973). Suspeitando do mundo que o cerca, cheio de aparências e ilusões, Dick sempre considerou que a realidade poderia ser diferente do que parece, levantando a questão: o que é ela, afinal?

---

<sup>3</sup> Cf. HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Tal interpelação é um dos temas centrais de *O homem do castelo alto*. A obra revela uma dimensão ucrônica da história, pois consegue nos transportar para fora do tempo tal qual o conhecemos, mostrando-nos uma dimensão histórica incrível. A grande questão do livro é: e se o Eixo tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial? Este é o contexto em que se desenrola a trama: os judeus foram praticamente exterminados e os negros novamente escravizados; os Estados Unidos da América estão divididos entre alemães e japoneses; e o mundo encontra-se sob forte tensão – aos moldes da Guerra Fria – como se a qualquer momento pudesse eclodir um conflito entre os vitoriosos.

A história se passa nos EUA e fala, principalmente, sobre as relações entre americanos e nipônicos. Com o término da guerra,

A Costa Oeste até as Montanhas Rochosas foi ocupada pelo Japão; a Costa Leste até o Mississipi pelo Terceiro Reich; existindo ainda uma República das Rochosas, nominalmente independente e que atuava como uma espécie de Estado-tampão entre os territórios ocupados pelas duas potências vencedoras.<sup>4</sup>

A trama é marcada ainda pela presença de um livro chinês com profecias milenares: o *I Ching*. Boa parte dos personagens consulta-o para obter respostas quando precisam tomar decisões difíceis ou quando querem descobrir algo. Podemos destacar quatro nomes centrais na narrativa: Robert Childan, Nobusuke Tagomi, Juliana Frink e Frank Frink. O primeiro deles é um antiquário americano que tem grande dificuldade para se adaptar ao novo cenário que marca seu país. Ele carrega dentro de si um sentimento etnocêntrico típico dos norte-americanos, que faz com que se sinta superior em relação a outros povos, mesmo assim, reveste-se de uma cordialidade teatral para se relacionar com os japoneses, que agora – querendo ele ou não – dominam a região onde vive. Sua história está ligada a de Nobuzuke Tagomi, um de seus melhores clientes. Este é um dos grandes líderes comerciais japoneses atuantes nos EUA que, em meio a suas relações socioeconômicas, acaba se envolvendo numa intriga política cujo conteúdo revela um complô alemão contra o Império Nipônico. Tal conspiração é revelada por um falso sueco, o Sr. Baynes, cujo nome verdadeiro é Rudolf Wegener, judeu atuante na Contra-Inteligência Naval do Reich.

Frank Frink, também um judeu (entre os poucos sobreviventes), precisou alterar seu sobrenome (antes Fink) para ocultar sua verdadeira identidade e não ser capturado pelos nazistas. Sua ex-mulher, Juliana Frink, ao se envolver com um italiano misterioso, Joe Cinadella, entra em contato com uma publicação surpreendente, *O Gafanhoto Torna-se*

---

<sup>4</sup> LODI-RIBEIRO, Gerson. Ensaios de História Alternativa. *Scarium Magazine*, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <[http://www.scarium.com.br/e-books/sebook3\\_06\\_03.html](http://www.scarium.com.br/e-books/sebook3_06_03.html)>. Acesso em: 03 set. 2014. p. 64.

*Pesado*. Tal livro, seguindo a linha da história alternativa, mostra um contexto histórico no qual os Aliados teriam vencido a II Guerra. Isso causa deslumbramento em Juliana – assim como ocorre conosco ao lermos *O homem do castelo alto* –, pois ela se depara com um passado diferente daquele que conhece.

“Suponha que eles tivessem ganho. Como seria? Não precisamos nos preocupar; este sujeito aqui pensou em tudo para nós. – Abrindo o livro, Joe começou a virar as páginas devagar. – O Império Britânico controlaria a Europa inteira. O Mediterrâneo todo. A Itália desapareceria. A Alemanha, também. Só ficariam os *bobbies*, e aqueles soldadinhos gozados de chapéu alto peludo, e o rei, até o Volga.”<sup>5</sup>

No mundo inventado por Dick, os nazistas eram muito mais temidos e intolerantes que os japoneses e, por isso, eram bem maiores as chances de partir deles o ataque iminente. Vive-se um ambiente de aparências, e o desprezo ao outro predominante entre os nacional-socialistas se estendia até àqueles que foram seus aliados durante a Segunda Guerra. O excerto abaixo revela a forma como uma das autoridades alemãs, Hugo Reiss, via os sujeitos oriundos da “Terra do Sol Nascente”:

“Por exemplo, quando os japoneses vierem aqui reclamar poderei dar um jeito de revelar sutilmente qual voo da Lufthansa em que planejam levar o sujeito... Ou, não sendo possível isso, levá-los a ficar mais indignados ainda, digamos, um leve sorriso de desprezo sugerindo que o Reich se diverte com eles, não leva a sério os homenzinhos amarelos. É fácil irritá-los. E, se ficarem bastante zangados, talvez levem o caso diretamente a Goebbels.”<sup>6</sup>

A plena vigência dessa inferiorização se confirma em uma cena que envolve o personagem Nobuzuke Tagomi, um general japonês aposentado, e o Sr. Baynes, na qual descobre-se a “Operação Dente-de-Leão”, capital na narrativa:

“– O objetivo essencial da Operação Dente-de-Leão – prosseguiu o sr. Baynes – é um gigantesco ataque nuclear às Ilhas Nipônicas, sem aviso prévio de qualquer espécie. – Então parou de falar.  
– Com o propósito de eliminar a Família Real, o Exército de Defesa da Pátria, a maior parte da Marinha Imperial, a população civil, as indústrias, os recursos – disse o general Tedeki – Deixando as colônias ultramarinas sem defesa e permitindo sua absorção pelo Reich.”<sup>7</sup>

Assim, Philip Dick consegue a brilhante façanha de desconstruir a história tal qual a conhecemos e, ao mesmo tempo, no seio desta demolição, desfaz a história tal qual seus personagens a conhecem quando lança mão da narrativa *O Gafanhoto Torna-se Pesado*. Percebe-se, então, uma história alternativa dentro de outra história alternativa. O passado é

---

<sup>5</sup> DICK, Philip K. *O homem do castelo alto*. São Paulo: Aleph, 2009. p. 97.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 214.

então reaberto, e podemos brincar com ele, desmembrando-o e distorcendo-o<sup>8</sup>, afrontando concomitantemente a sua preservação como um antiquário ou como um monumento.

Em *Amphitryon*, podemos acompanhar outro exemplo bem urdido de história contrafactual. Seu autor, Ignacio Padilla, nasceu em 1968, na Cidade do México. Escreveu sua primeira obra, *La catedral de los ahogados*, em 1995, com a qual angariou o prêmio Juan Rulfo. Padilla é também autor de romances para crianças.

No livro, que ganhou o Primavera, na Espanha, quatro vezes narrativas independentes se sucedem, relatando histórias que protagonizaram ou histórias de outros personagens, as quais, sem que jamais seja possível atestar a confiabilidade dos narradores, aos poucos vão se conformando, como peças de um intrincado quebra-cabeça, de modo a supostamente revelar, ao final, a verdadeira identidade de um dos réus mais famosos do século XX.

A trama principal de *Amphitryon* se inicia em meados da Primeira Guerra Mundial, se desenrola no período entreguerras e durante o conflito de 1939-1945, desdobrando-se ainda até o fim da década de 1980. Dividido em quatro capítulos, cada um contado por um narrador diferente, o livro é marcado por especulações relacionadas às questões de identidade e anonimato, que marcam os personagens do começo ao fim em histórias que se cruzam e surpreendem o leitor.

A primeira delas, *Uma sombra sem nome*, é contada por Franz T. Kretzschmar (Buenos Aires, 1957) e narra a história de seu pai, o guarda-chaves Viktor Kretzschmar, que obteve tal profissão de maneira pouco convencional no ano de 1916, quando rumava, a bordo de um trem, para as trincheiras do front oriental, representando o Império Austro-Húngaro. Em meio a outros jovens apreensivos, ele é confrontado por um destino que não aguardava. Naquele momento, contudo, seu nome de nascimento era Thadeus Dreyer, alcunha que conservaria até ser desafiado numa partida de xadrez por um misterioso guarda-chaves chamado Viktor Kretzschmar. A aposta? Uma vida em troca de um nome. Se perdesse, Dreyer se mataria antes de chegar ao campo de batalhas, do contrário, ganharia uma nova identidade e com ela seria dispensado de suas obrigações com a guerra. O resultado? Thadeus Dreyer torna-se o guarda-chaves Viktor Kretzschmar, da linha Munique-Salzburgo, e este nome o acompanhará até o fim de seus dias.

---

<sup>8</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. O país dos brinquedos: reflexões sobre a história e sobre o jogo. In: \_\_\_\_\_. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Nova ed. Aum. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 87.

Mesmo não indo para o combate, o inautêntico guarda-chaves persegue seu antigo nome e acaba descobrindo que Thadeus Dreyer tornara-se um prestigioso general após a guerra. O remorso pelo destino que perdera faz com que tente destruir seu velho nome, junto com seu novo dono. O insucesso da empresa e a catástrofe resultante dela fizeram com que o impostor frustrado perdesse seu cargo de guarda-chaves e fosse para a prisão.

Na sequência, temos a narrativa *Da sombra ao nome* (Genebra, 1948), contada por um ex-seminarista batizado Richard Schley – designação que não exibiu por muito tempo. Ao ser convocado por um padre, Ignatz Wagram, para prestar auxílio espiritual na Grande Guerra, o jovem não sabia que, além de enfrentar os horrores das trincheiras, teria seu destino selado por alguém que viria de seu passado para mudar radicalmente seu futuro. Tratava-se de um amigo de infância, o judeu Jacob Efrussi, que trocara de identidade com um tal Thadeus Dreyer e agora participava da carnificina do primeiro conflito mundial.

É verdade que naquele outubro de 1918 a frente austríaca nos Bálcãs já começava a virar um autêntico pandemônio onde o mais sensato era abdicar não apenas do próprio nome, mas de tudo o que constitui a identidade dos seres destinados a morrer, mas naquela tarde eu ainda estava muito longe de poder avaliar os benefícios lenitivos do anonimato em plena guerra.<sup>9</sup>

Por que Efrussi trocaria de identidade para participar da guerra? Sendo ele judeu, existiam pouquíssimas chances de tornar-se soldado caso não abdicasse do nome que o condenava em uma Europa antisemita. E, ao tentar salvá-lo de sua insanidade autodestrutiva, Schley descobre que o nome de judeu de seu amigo há muito havia se perdido e, antes de tornar-se Thadeus Dreyer, já tinha se chamado Viktor Kretzschmar e muitos outros. Mesmo sem conseguir salva-lo da sina que escolheu, Schley acaba por compactuar com o jogo enxadrístico do amigo e, num ato de redenção final, toma para si a falsa identidade de Jacob Efrussi (Dreyer), pois ele acabou com a própria vida com um tiro na cabeça.

Alikoshka Goliadkin conta a história seguinte, *A sombra de um homem* (Cruseilles, 1960). Ele participa ativamente da vida de Thadeus Dreyer desde o momento em que ele tomou para si este falso nome e abandonou definitivamente o de Richard Schley. E, tal participação é marcada por uma pretensão nefasta: arruinar a vida de seu companheiro, levá-la à completa decadência, para assim, apaziguar a sombra de seu irmão que, com frequência, lhe perseguia. Após a derrota em 1918, os dois, inesperados sobreviventes, se dirigiram para uma Viena em decomposição. O nome de Thadeus Dreyer – graças aos

---

<sup>9</sup> PADILLA, Ignácio. *Amphitryon*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.53.

prodígios enxadrísticos de Efrussi – havia ganhado fama em Karansebesch, e falsas façanhas bélicas fizeram dele merecedor da Cruz de Ferro<sup>10</sup>. Com a crescente ascensão do Partido Nacional-Socialista, o general Dreyer começa a ganhar cada vez mais espaço político e logo após o anúncio de Hitler como chanceler do Reich, ele propõe a Hermann Goring que o apoie na criação de uma pequena legião de sócias que protegeria os líderes nazistas – o projeto Amphitryon.

Seja como for, deste dia em diante Dreyer assumiu a tarefa sem parar para pensar na ironia ou no comprometimento de sua situação, começando a vasculhar todos os confins do império em busca de homens cinzentos e inconsistentes, medíocres soldados de meia-idade, adolescentes desnorteados e, principalmente, inquietos jogadores de xadrez que ele trataria de transformar em autênticos peões do poder, não apenas moldando seu aspecto físico às efígies vivas do partido nazista, mas fazendo tábua rasa de sua vida e sua mente para depois inscrever nelas o que ele ou seus superiores julgassem oportuno inculcar.<sup>11</sup>

Adolf Eichmann, tenente-coronel nazista, responsável pela deportação de centenas de milhares de judeus para campos de concentração, seria um dos oficiais a receber um sócia – a saber, Franz T. Kretschmar, que era parecido com o “chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler” e tal como ele revelara-se um exímio enxadrista. Tal peripécia é abordada no último capítulo, *Do nome à sombra*, contado por Daniel Sanderson (Londres, 1989). Thadeus Dreyer (Richard Schley) a essa altura não mais carregava esse nome e sequer estava vivo.

Alhures, o projeto Amphitryon fora desmantelado e acusado de conluio com judeus. Só restava a Dreyer se esconder sob outra identidade: Woyzec Blok-Cissewsky, um barão polonês desaparecido. Nosso último narrador, Daniel Sanderson, era um dos beneficiários do misterioso testamento do barão que, além de uma quantia em dinheiro, deixara-lhe informações confidenciais que poderiam mudar os rumos do julgamento de Eichmann, a figura central da chamada Solução Final (*Endlösung*), capturado em Buenos Aires e prestes a morrer pelas mãos de israelenses sedentos de justiça.

Afinal, seria o homem capturado em 1960 pelo Mossad (o serviço de inteligência de Israel) apenas um sócia de Adolf Eichmann? Se voltarmos ao primeiro capítulo veremos que seu narrador, Franz T. Kretschmar – o escolhido como menecma – escreve de Buenos Aires, justamente onde o suposto “carrasco nazista” fora capturado.

---

<sup>10</sup> A Cruz de Ferro foi uma condecoração militar instituída pelo Reino da Prússia e usada, posteriormente, nas duas grandes guerras. Sua atribuição foi suspensa em 1945.

<sup>11</sup> PADILLA, 2006, p. 104.

Ignacio Padilla consegue trabalhar brilhantemente com especulações como essa, unindo-as a aspectos históricos reais, e faz com que suspeitemos se, de fato, existiram esses dublês. A respeito dessa legião de sócias pouco se tem certeza. Especula-se ter sido orquestrada por um tal Thadeus Dreyer a pedido de Hermann Göring, para fazer frente a um de seus inimigos. *Amphitryon* possibilita, por meio do uso da imaginação, que consigamos preencher algumas lacunas deixadas pelo passado, pois aqui o fato de “poder ter existido algo” é tão importante quanto aquilo que dizem que existiu.

Pensando na perspectiva de uma história incompleta, aberta a especulações e hipóteses sobre “o que poderia ter sido”, cabe então fazermos um diálogo entre os 2 romances e a ideia de emancipação intelectual proposta por Jacques Rancière. O autor condena as práticas tradicionais de educação, ancoradas na simples transmissão hierárquica de informação. “O que pode, essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência daquilo que pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra como igual à sua.”<sup>12</sup>

Podemos pensar aqui como o contrafactual abre uma brecha no tempo, partindo do pressuposto de que o efeito pedagógico da história é a construção de certa sensatez e certo bom senso, uma vez que de acordo com Rancière estudamos e ensinamos não os fatos, e sim o possível.<sup>13</sup> Assim, ao abrir uma brecha no tempo, podemos pensar o impensável – que o impossível pode acontecer e acontece.

Ignacio Padilla e Philip Kindred Dick nos oferecem suas experiências de emancipação particular na medida em que escapam de um passado recebido em nome de um passado feito, como considera Paul Ricoeur. Seus livros dão voltas, “de frases em frases”, em torno da verdade, portanto não nos exilam da história, não a rejeitam simplesmente, mas fazem um diálogo irônico e subversivo com ela.

A verdade não agrega absolutamente os homens. Ela não se dá a eles. Ela existe independente de nós, e não se submete ao despedaçamento de nossas frases. "A verdade existe por si mesma; ela é o que é e não o que é dito. Dizer depende do homem; mas a verdade não depende." Mas nem por isso ela nos é estrangeira, e não estamos exilados de seu país. A experiência de *veracidade* nos liga a seu núcleo ausente, nos faz dar voltas em torno de seu centro. Podemos, primeiramente, ver e mostrar verdades. Assim, "ensinei o que ignoro" é uma verdade. É o nome de um fato que existiu, que pode se reproduzir. Quanto à razão desse fato, ela é, por hora, uma opinião, e isso pode durar talvez para sempre. Mas, com essa opinião, damos voltas em torno da verdade, de frases em frases. O essencial é não mentir, não dizer

---

<sup>12</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 50.

<sup>13</sup> Cf. RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.



que se viu quando se manteve os olhos fechados, não contar senão o que se viu, não acreditar que se deu uma explicação quando tudo o que se fez foi nomear.<sup>14</sup>

Ou seja, podemos *especular* acerca do que o passado foi, mas não *saber* o que ele é. Através da relação, definida por Reinhard Koselleck, entre as categorias de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, Paul Ricoeur propõe uma análise dos percursos que a história pode seguir e o que podemos esperar do futuro, levando em conta aquilo que pode ser válido como experiência.

Em meio ao conjunto de expectativas criadas a partir de certas experiências, deve-se ter em mente a dupla relação entre história efetiva e história dita, ou seja, aquilo que aconteceu e aquilo que foi narrado. Se desconsiderarmos essas distinções, as narrativas sobre o passado – que, por serem construções, carregam intencionalidade – acabarão tidas como verdades. No caso da história dita ou narrada, a ideia de que somos agentes e que fazemos a história sobrepõe-se ao ser-afetado por ela.

Já na perspectiva de uma história efetiva, observa-se

[...] o fato de que somos *afetados* pela história e que afetamos a nós mesmos pela história que fazemos. É precisamente esse vínculo entre a ação e histórica e um passado recebido e não feito que preserva a relação dialética entre horizonte de expectativa e espaço de experiência.<sup>15</sup>

Paul Ricoeur critica a aceleração que caracteriza a época moderna, marcada pela perda da tradição e pelo não reconhecimento do passado, o que faz com que o espaço de experiência seja reduzido, lesando o horizonte de expectativa. Reflexão esta que pode ser por nós apropriada e adaptada ao debate concernente as narrativas contrafactuais, pois nesse caso é indubitavelmente preciso

[...] resistir ao encolhimento do espaço de experiência. Para tanto, é preciso lutar contra a tendência de só considerar o passado sob o ângulo do acabado, do imutável, do findo. É preciso reabrir o passado, reavivar nele potencialidades irrealizadas, impedidas, massacradas até. Em suma, contra o adágio que diz que o futuro é aberto e contingente e o passado univocamente fechado e necessário, temos de tornar nossas expectativas mais determinadas e nossa experiência mais indeterminada.<sup>16</sup>

Enfim, o que poderia ter sido também faz parte desse exercício retroativo que marca nossas expectativas a respeito do que virá.

A retroação de nossas expectativas relativas ao porvir sobre a reinterpretação do passado pode ter por principal efeito abrir no passado considerado findo possibilidades esquecidas, potencialidades abortadas, tentativas reprimidas (uma das

---

<sup>14</sup> RANCIÈRE, 2002, p.68.

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. t. 3. p. 363.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 368.

funções da história é, quanto a isso, reconduzir aos momentos do passado em que o porvir ainda não estava decidido, em que o passado era ele mesmo um espaço de experiência aberto para um horizonte de expectativas).<sup>17</sup>

Se explorarmos o passado como a um brinquedo nos depararemos com uma série de possibilidades que foram esquecidas, mas não nulificadas, podendo ser, então, “salvas”. E, é com essa emancipação/libertação que nos deparamos ao divagarmos pelos mundos das histórias alternativas, pois elas pretendem “recuperar” no passado o que foi perdido. Narrativas como *O homem do castelo alto* e *Amphitryon* são um elogio não só àquilo que o passado poderia ter sido, mas, antes de tudo, representam àquilo que a história não disse sobre ele.

### Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. O país dos brinquedos: reflexões sobre a história e sobre o jogo. In: \_\_\_\_\_. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Nova ed. Aum. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 79-107.

DICK, Philip K. *O homem do castelo alto*. São Paulo: Aleph, 2009.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LODI-RIBEIRO, Gerson. Ensaio de História Alternativa. *Scarium Magazine*, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <[http://www.scarium.com.br/e-books/sebook3\\_06\\_03.html](http://www.scarium.com.br/e-books/sebook3_06_03.html)>. Acesso em: 03 set. 2014.

PADILLA, Ignácio. *Amphitryon*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-49.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. t. 3.

---

<sup>17</sup> RICOEUR, 2010, t. 3, p. 388.